

* Professora de História.
Mestre em Educação –
Área de Concentração
História e Filosofia da
Educação. Universidade
Estadual de Campinas
– Unicamp. Integra o
grupo de pesquisa
História, Sociedade e
Educação (Histedbr/
Unicamp). E-mail:
gianesc@bol.com.br

A POSSIBILIDADE DE UM NOVO DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS

Giane Maria de Souza*

Correspondência:
Address:
Rua Rio das Antas,
763 Boa Vista –
Joinville - SC Cep:
89228-020.

Um discurso sobre as ciências é um tratado do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, “uma posição epistemológica antipositivista”. Sua obra é uma versão ampliada da Oração da Sapiência, proferida na Abertura Solene das aulas da Universidade de Coimbra no ano letivo de 1985/86. Após várias reedições, este livro foi aprofundado em obras posteriores ao seu primeiro lançamento em 1987, **Introdução a uma ciência pós – moderna** (Porto: Afrontamento, 1989) e **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da Experiência** (Porto: Afrontamento, 2000).

O autor inicia seu discurso sobre as ciências, demonstrando que as tendências teóricas metodológicas que direcionam os trabalhos científicos são contribuições de teóricos que viveram entre o século XVIII até as primeiras décadas do século XX; de Smith a Lavoisier, Marx a Durkheim, de Humboldt a Einstein. As ciências humanas, para Boaventura, estacionaram nos primeiros anos do século passado, e o século XXI, com os perigos eminentes apresentados pela tecnologia ilimitada, riscos de catástrofes ecológicas e a barbárie social humana, talvez termine sem começar.

No Primeiro Capítulo: “O Paradigma dominante”, o autor discorre sobre o modelo de racionalidade das ciências modernas que constitui-se a partir da revolução científica do século XVI. O método positivista “[...] é um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenômenos” (SANTOS, 2004, p. 29).

Resenha recebida em:
30/01/2007
Aprovada em:
22/02/2007

O modelo mecanicista dividiu-se em duas vertentes: a primeira defendeu a apropriação e unicidade do método teórico epistemológico das Ciências Naturais para as sociais. A segunda tentou reivindicar para as Ciências Sociais um estatuto epistemológico e metodológico próprio. A possibilidade concreta de ruptura das Ciências Sociais com o método dominante de análise epistemológica das Ciências Naturais exterioriza obstáculos processuais históricos, comportamentais e culturais. Não há como produzir previsões por meio de puras observações e constatações metodológicas. O ser humano modifica sua realidade e seu comportamento conforme o conhecimento que adquire ou transforma.

O segundo capítulo: “A crise do paradigma dominante”, apresenta o dualismo metodológico entre o sujeito/objeto; homem/natureza; Ciência/senso comum. Boaventura resgata posições metodológicas históricas e afirma que a promoção da transdisciplinaridade das ciências foi consequência da crise dos dogmas epistemológicos. “Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem a desordem; em vez da necessidade a criatividade e o acidente” (SANTOS, 2004, p. 48).

A crise do paradigma dominante é pertinente ao século XX e suas nuances históricas processuais. Esse século esteve voltado para a consolidação monopolista do capital. Portanto, não há possibilidade de se fazer ciência sem discorrer sobre suas determinações econômicas e sociais. Para Boaventura, o aparecimento de outras preocupações do conhecimento científico emergem das novas configurações, análise das condições econômicas, contextos sociais e dos próprios modelos organizacionais de investigação científica.

O terceiro e último capítulo: “O paradigma emergente”, demonstra que todo conhecimento é científico, natural ou social, portanto, toda distinção, dissociação entre estas áreas é produzida pelo paradigma dominante, mecanicista e positivista. A superação dicotômica das Ciências Naturais e Sociais é imprescindível para o autor, porque há um sentido humanístico nesta superação e a convergência para a construção do que chama de Pós – Modernidade, colocando “o homem enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento” (SANTOS, 2004, p.72).

Boaventura, constata que: “Todo o conhecimento é local e total”. O conhecimento científico moderno é parcializado, fragmentado e o cientista

atual é um ignorante especializado. “Todo o conhecimento é autoconhecimento”. O homem, sujeito histórico, apreende o real, o transforma e transforma-se. “Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”, esta é a chave para abrir as portas da percepção científica, transformar o senso comum, como diria Gramsci, em bom senso.

O desafio da pós-modernidade, proposto por Boaventura, refere-se, enfim, sobre a possibilidade de um novo discurso sobre as ciências, um diálogo entre o empírico e o cotidiano, o cognoscível e o conhecimento vulgar. Uma obra que interessará a todos aqueles que desejam entender, fazer e problematizar a investigação científica.

Referência

SANTOS, B. de S. **Um Discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2004.